

5.

Conclusão

A mudança de concepção acerca do conceito de identidade apontada por Stuart Hall reflete o aumento de complexidade do mundo moderno. Acreditava-se, a partir de uma visão interacionista, que na modernidade o núcleo, o centro que cada sujeito possuiria como identidade seria formado através do processo de interação entre o eu e a sociedade. Estabelecia-se um diálogo entre o sujeito e a sociedade de forma que indivíduos projetavam seus 'eus' nas identidades circulantes no exterior, admitindo para si valores e significados ali presentes. Alinhando sentimentos subjetivos com lugares objetivos no mundo social. Os papéis sociais bem definidos têm origem nessa simetria entre o mundo interior e o mundo cultural exterior. Mesmo considerando a interação entre interior e exterior, a percepção do conceito de identidade ainda considerava que o sujeito era possuidor de um núcleo e que a identidade era inteiriça, linear. Uma vez definida permaneceria a mesma.

Essa visão começou a mudar com as modificações estruturais e institucionais ocorridas na passagem da modernidade para a pós-modernidade, ou modernidade tardia como preferem alguns autores. Segundo Stuart Hall, essas transformações levaram ao colapso as identidades do mundo pós-moderno.

Alguns elementos como a globalização, a evolução tecnológica que insere no cotidiano dos indivíduos ferramentas como a internet e a mídia alteraram o que o pesquisador chama de coordenadas de qualquer sistema de representação: a noção espaço-temporal. Isso se constitui como elemento importante para entender como e porque as identidades estão se fragmentando cada vez mais. Para o pesquisador, nossas identidades são construídas através de processos de representação que circulam na cultura. A alteração na noção espacial e temporal altera conseqüentemente formas de representar essa identidade. Sendo as noções de espaço e tempo relativizadas, seja pela diminuição de distâncias promovidas pela evolução dos meios de transportes seja pela tecnologia de comunicação que permite ao brasileiro assistir em tempo real a acontecimentos no Iraque, novas formas de percepção do tempo e do espaço são instituídas. Essa mudança provoca

então uma alteração na forma como o sujeito se relaciona com a construção de sua identidade e altera formas de expressão artísticas.

Na pós-modernidade o processo de construção identitária é instável e flutuante, permitindo ao sujeito assumir várias identidades, tantas quantas forem necessárias ou desejadas.

O ponto de vista cultural dado por Stuart Hall à questão das identidades é respaldado pela concepção de interações intersubjetivas descrita por R. D. Laing

Sob a ótica de R. D. Laing, a interação diádica pode gerar e alterar comportamentos além de modificar o que entendemos como identidade.

Na interação diádica nosso 'eu' ou nossa identidade se constitui a partir da interação com o você, ele, ela ou eles. Esse processo gera uma construção identitária multifacetada. Nessa perspectiva, o que eu penso que você pensa que eu penso, altera o que eu penso de mim mesmo. Na esfera contemporânea, o sujeito circula por muitos mais espaços e possui um número maior de interação intersubjetiva, então esse processo vai sendo repetido constantemente, estilhaçando ainda mais a noção de identidade. As múltiplas metamorfoses e alterações na identidade do sujeito, a maneira como o 'eu' se torna outro para você, outro para ele, outro para ela e outro para eles é reinteriorizada como meta-identidades.

Usando as estruturas caóticas como metáfora conveniente achamos possível e curioso a presença em textos contemporâneos de características comuns à sistemas caóticos, em particular a não-linearidade, a auto-organização, a fragmentação e a fractalidade.

Vários são os artifícios narrativos que promovem a não-linearidade e a fragmentação do texto de *Mongólia*.

A fragmentação identitária percebida como fenômeno contemporâneo está presente na narrativa em estudo. Esse processo fica bastante evidente quando se percebe a interação entre os narradores-personagens-leitores.

As leituras e releituras dos diários, mecanismo da construção da narrativa de *Mongólia*, possibilitam que a criação e alteração de metaperspectivas se instituem como recurso para a construção da noção de fragmentação da narrativa.

Os traços da quebra com a noção de narrativa linear aparecem tanto no pretense texto do Ocidental como no pretense texto do Diplomata. Sempre há apresentação do discurso do outro (que nesse caso pode ser do Ocidental ou do

desaparecido) para em seguida se apresentar a fala do Diplomata ou do Ocidental sobre o que fora apresentado. Essa forma de construção textual permite evidenciar como o processo de interação diádica ocorre entre os narradores-personagens além de caracterizar o aspecto fragmentado do texto.

No início da narrativa o Diplomata apresenta o texto do Ocidental sobre a arte chinesa:

(...) os artistas chineses oscilam entre o academicismo e o pastiche, o mimetismo da arte ocidental. Como não houve realismo, não conseguem entender o que há por trás da ruptura da arte moderna. Foram educados para fazer bem o ofício e transformá-lo. Diante da ruptura eles retêm apenas as formas de maneira que em 2002 você pode encontrar artistas impressionista, aquarelistas, tradicionais, cubistas, surrealistas, acadêmicos, hiper-realistas ou pop convivendo num mesmo espaço. (CARVALHO, 2003, p. 30).

Logo em seguida a fala do Diplomata discute o que havia sido apresentado anteriormente:

(...) Fui eu que o levei a galerias de arte. O que ele dizia tinha a ver ao mesmo tempo com uma resistência ao que não compreendia e com uma impaciência, uma pressa de compreender (...) Ele esperava provocar o ultraje em alguém que por fim lhe esclarecesse as coisas. Alguém que pusesse os pingos nos is e um ponto final na sua diabrite imaginária sobre a China. Não cumpri esse papel, não fui capaz de contradizê-lo, o que só deve tê-lo irritado ainda mais, porque hoje, depois de ler o diário entendo, que ele era o último a acreditar nas suas próprias palavras. (CARVALHO, 2003, p. 30-31)

A interação entre os narradores-personagens do texto em estudo ocorre através de fontes textualizadas, os diários. Na perspectiva da interação texto-leitor descrita por Wolfgang Iser, a interação entre os narradores-personagens-leitores promove a existência de vazios, nonadas, que tendem a ser preenchidos com sucessivas interpretações. Quanto maior o processo de interação, maior os vazios para se preencher. Quanto maior o preenchimento maior o espaço que restará para ser preenchido. O processo poderá ser elevado a proporções altamente complexas.

A interação entre o Diplomata e o Ocidental pode ser entendida como uma interação de segundo nível, uma vez que o mesmo processo já havia ocorrido entre este e o desaparecido. Nesse contexto, pode-se entender a fragmentação narrativa de nosso corpus como reflexo da fragmentação identitária sofrida pelos narradores-personagens-leitores.

Considerando o texto de *Mongólia* como uma forma de Orientalismo, tal como define Edward W. Said, pode-se ainda dizer que a tentativa de construção de instâncias como o homem, a política e a religião mongol fragmenta ainda mais a noção de uma suposta identidade ocidental. O discurso sobre o outro que pretende ser linear, institucionalizante, é subvertido na medida em que quanto mais se pretende linear mais fragmentado se torna, isto porque cria uma imagem estilizada do que seria o homem ou a cultura mongol.

A não-linearidade presente na cartografia do texto de Bernardo Carvalho é resultado da interação diádica e da subversão da noção de identidade subjetiva individualizada. Mas outros aspectos do texto reforçam essa construção não-linear.

Um romance tradicional do século XIX que prime pela verossimilhança externa traduz a confiança na narrativa linear em um determinismo histórico no qual a linguagem ficcional, seqüência, causa e conclusão, articulam o passado e revela suas conseqüências no presente. A linguagem mimética dos romances gera um efeito determinado e estável que pode favorecer uma manipulação da escrita pelo escritor e uma interpretação regulada, obediente do leitor.

A reorganização da linguagem entendida como forma textual, enquanto organismo, permite entendê-la como um gerador caótico de significados.

A relação entre os narradores-personagens-leitores da obra é, como demonstramos, elemento gerador de fragmentação. É também característica de quebra com a percepção do linear. Linear para Edward Lorenz é a inalterabilidade de diferenças em determinadas equações. Nenhum dos supostos discursos (diário do desaparecido, diário do Ocidental e texto do Diplomata) são possíveis de serem acessados de forma linear. Como sistemas radiculas, que se fragmentam em qualquer ponto e continuam crescendo pelo meio, os ‘discursos’ presentes no texto de *Mongólia* também crescem pelo meio, emergem uns dos outros. Como na definição de sistemas rizomáticos feita por Deleuze e Guattari, a narrativa de *Mongólia* apresenta linhas de fuga, segmentaridades. No plano temático os

caminhos percorridos pelos narradores-personagens parecem não ter fim. No plano estrutural a retomada dos discursos uns dos outros que os narradores se caracteriza como linhas de fuga na medida em que os textos caminham, retornam, avançam de forma indeterminada, pelo menos na visão do leitor. Não se pode entender essa dinâmica como linear.

O princípio da heterogeneidade e de conexão, descritos por Deleuze e Guattari como elementos presentes em sistemas rizomáticos, apontam para a possibilidade de conexão de determinado ponto a qualquer outro ponto. Entendendo a narrativa de *Mongólia* como uma rizoma, esse aspecto pode ser percebido no artifício da construção textual. As pretensas narrativas se comunicam umas com as outras constantemente criando cada vez mais microfendas.

A fragmentação do texto institui uma narrativa não-linear. Como caracteriza Lorenz, “um processo não-linear é simplesmente aquele que não é totalmente linear” (1996, p.209). As seqüências narrativas de um texto mimético podem ser visualizadas como uma seta, enquanto que a imagem da cartografia de *Mongólia* aponta para várias direções. Movediças, as palavras apontam para fora, para dentro, para si mesmas.

A fragmentação e a descontinuidade são melhor percebidas quando, no nível do discurso narrativo, verifica-se a utilização de artifícios como a duplicação do processo de escrita e a divisão da narrativa em várias instâncias.

Direcionados pelos argumentos de Ulla Mussara, podemos verificar que a multiplicação das instâncias extradiegéticas e hipodiegéticas em *Mongólia* são recursos que evidenciam a fragmentação e a não-linearidade do discurso. As molduras tradicionais do romance são expandidas com a referência a elementos extra-textuais, caracterizados pela quebra de hierarquia entre realidade e ficção. Isso ocorre quando elementos extradiegéticos (autor virtual e editor) são apontados no texto – por índices como, no caso do texto de Bernardo Carvalho, a presença na diegese de elementos que se referem ao autor virtual e/ou ao editor.

A utilização de fontes com configuração diferenciada e a presença de um mapa da Mongólia antes da narrativa apontam para uma intrusão autoral e/ou editorial, o que alarga as fronteiras do espaço ficcional, caracterizando o que estamos chamando de expansão extradiegética.

A expansão intradiegética torna-se importante para o argumento de que a narrativa de *Mongólia* é fragmentada e não-linear. A expansão para o centro, caracterizada por Ulla Mussara pela acumulação de meta-textos e degraus hipodiegéticos, pode ocorrer através da combinação discursiva promovida pelos narradores-personagens. Os discursos crescem, expandem rizomaticamente para o centro quando um narrador se reporta ao discurso do outro. Recurso bastante explorado e evidenciado pela coexistência de vários narradores e, conseqüentemente, de várias supostas narrativas.

O Ocidental voltou ao início do primeiro diário, à procura do trecho em que o rapaz descrevia a visita que fez ao Museu de Belas-Artes logo quando chegou a Ulaanbaatar: *De manhã Ganbold me leva ao mercado de Narantuul. Um rapaz bêbado está caído no chão – seus gemidos são quase imperceptíveis - com uma poça de sangue debaixo do ouvido. Está semiconsciente. Ninguém faz nada. Pegamos um táxi até o Museu Zabanazar. É um prédio verde, de Colunas Brancas, no estilo neoclássico russo.* (CARVALHO, 2003, p. 68)

Ao leitor virtual resta uma perspectiva em cascata e a total desilusão quanto à possibilidade de alguma certeza.

A narrativa de *Mongólia*, por seu caráter labiríntico, fragmentado, assemelha-se aos atratores estranhos - dos quais tratamos no capítulo terceiro -, que possuem um número infinito de partes em um espaço finito. Dentro dos limites da capa a narrativa tem seu espaço delimitado, mas nas relações de significação estabelecidas pelas palavras torna-se infinita seja enquanto possibilidades narrativas, seja como infinitas possibilidades de interpretações intradiegéticas (pela atividade dos narradores-personagens-leitores) e extradiegéticas (pela atividade dos leitores virtuais).

Além das implicações de um texto metaficcional, *Mongólia* agrega às discussões aspectos da metaficção historiográfica. Para Linda Hutcheon, a metaficção historiográfica é marcada pelo caráter auto-reflexivo e pela apropriação de acontecimentos e figuras históricas. Caracterizá-la como metaficção historiográfica significa ter a consciência da dificuldade de narrar, no presente, eventos do passado. A autoconsciência dessa dificuldade permite aos

escritores contemporâneos explorar as convenções para subvertê-las. O caráter auto-reflexivo e fragmentário presentes nessa forma de narrar são pontos que tornam possível a relação entre o texto literário em estudo e a teoria do caos.

A relação entre ficção e história subverte e problematiza a noção de subjetividade individualizada. O gênero textual escolhido pelos narradores-personagens (o diário) do texto de Bernardo Carvalho para escrever afirma uma suposta individualidade, noção subvertida pela fragmentação da voz narrativa. Para Hutcheon, a linguagem da metaficção historiográfica “estabelece a ordem totalizante só para contestá-la, com sua provisoriedade, sua intertextualidade, e muitas vezes, sua fragmentação radicais” (1991, p. 157).

As pesquisas de Edward Lorenz sobre os atratores estranhos reconhecem que estas imagens possuem como característica a fractalidade. Nos estudos do matemático Mandelbrot, fractais podem ser definidos como formas que pertencem a sistemas com dimensões fracionárias e que possuem como principal característica a auto-reflexividade. “Em muitos sistemas fractais várias partes adequadamente escolhidas quando apropriadamente duplicadas se tornarão cada uma delas idênticas ao sistema como todo” (LORENZ, 1996, p. 205). O aspecto fractal da narrativa de Mongólia reside na forma como as partes menores - narrativas do desaparecido e do Ocidental – são construídas. Elas possuem a mesma lógica de construção uma vez que se reportam ao mesmo gênero, o que implica necessariamente uma relação de auto-similaridade. Observe dois fragmentos textuais que são discursos de narradores diferentes, o primeiro é discurso do Ocidental e o segundo é o discurso do desaparecido.

9 de Junho. A obra principal da prosa chinesa no século XX é um pequeno livro Lu Xun intitulado *A verdadeira História de AHQ*. Que comprei ontem numa edição popular, bilíngüe, em chinês e em inglês no metrô. AHQ pode ser visto como uma alegoria da China (CARVALHO, 2003, p. 28).

5 de julho. *Voamos de Ulaanbaatar para Khatgal, na região de Khövsgöl, terra dos xamãs na fronteira com a Rússia. O Antonov aterrissa aos sacolejos na pista de terra mal nivelada. Os passageiros pulam em suas cadeiras. Alguns estrangeiros se entreolham e riem.* (CARVALHO, 2003, p. 38)

Funcionando como um sistema complexo, signos e significados combinados de maneiras infinitas são geradores poderosos de novas interpretações, nesse sentido podem ser entendidos como um processo gerativo, que é caracterizado pela auto-organização. Na medida em que textos (signos e significados) constituem interpretações e são, simultaneamente, constituídos por elas, textos podem ser ‘lidos’ como formas de processos gerativos. Toda a descrição que fizemos acerca do processo de interação entre texto-leitor fundamenta-se nessa relação.

O aspecto auto-organizador da narrativa de *Mongólia* reside, sobretudo, mas não apenas, nesse processo de interpretação e reinterpretação, que é elevado a níveis críticos. Isso porque o próprio processo de interpretação que se estabelece em qualquer ato de leitura é problematizado na diegese. No nível intradieético, o processo de interpretação apresenta dois estágios. A narrativa do desaparecido é interpretada pelo Ocidental e pelo Diplomata. A interpretação feita pelo Ocidental é reinterpretada pelo Diplomata. Ao leitor virtual cabe repetir o processo de reinterpretação. O mecanismo de auto-organização tem nos estudos do caótico representantes como Prigogine e Stengers.

O Ocidental ficava cada vez mais intrigado com a história que ia montando aos poucos, com os dois diários, como um quebra-cabeça. Pulava de um para o outro. Voltou ao segundo, à parte em que Ganbold e o rapaz visitam Narkhajid Süm: *Tentamos falar com a monja superiora. Ganbold se dirige as que ficaram no templo e lhes explica que sou um fotógrafo brasileiro e que estou interessado em informações sobre Narkhajid.* (CARVALHO, 2003, p. 69)

A não-linearidade, a fragmentação e a auto-organização percebidos como artifícios de construção textual tornam possível a leitura de um texto literário no viés da complexidade e das teorias do caos.

A pesquisa que realizamos para tentar fundamentar nossa hipótese gerou alguns outros questionamentos, que aqui não tivemos tempo para discutir. A implicações dos discursos histórico, ficcional e jornalístico parece ser um assunto intrigante e complexo. Em que medida o esfumaçamento das fronteiras entre essas formas de escrita torna ainda mais complexa a produção literária nesse contexto? Existiram alguma vez fronteiras?

Cientes de que nossa pesquisa não esgotou as possibilidades de leitura de *Mongólia* sob a ótica da teoria do caos, continuaremos nossos estudos no intuito de tentar perceber a validade da relação entre conceitos de áreas tão distintas. Por hora, entendemos que mesmo metaforicamente, esse tipo de relação seja possível.